

MATRIZ AXIOLÓGICA E CARTA DE PRINCÍPIOS: PARTICIPAÇÃO E INCLUSÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO, EM CONTEXTO DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL E PEDAGÓGICA

Gabriela Campos Fronzaglia¹

RESUMO

Num mundo dinâmico e com visão de complexidade e transdisciplinaridade, a Matriz Axiológica e a Carta de Princípios são dois dispositivos que promovem fundamentalmente, a participação, a colaboração e a inclusão, como valores e como competências. Ambos dispositivos funcionam como guia ético para a concretização de ações e projetos educativos e pedagógicos. Nesse contexto, emerge a pergunta: Como se produz uma Matriz Axiológica e uma Carta de Princípios coerentes e consistentes entre si, e que representam a comunidade que a produz, para atender seus desejos criativos, potenciais e necessidades? Este texto discute a importância, o papel e o processo de criação de uma Matriz Axiológica (ou árvore de valores) e da Carta de Princípios decorrente da mesma, como ponto de partida para a construção e concretização de um dado projeto, por exemplo, uma Comunidade de Aprendizagem. O capítulo apresenta uma proposta de design pedagógico para a construção de Matriz Axiológica e da Carta de Princípios, detalha a metodologia e ilustra o processo através de dois casos de aplicação, em contextos de treinamento de educadores. Conclui-se que o design proposto e a prática realizada geram as reflexões necessárias para o seu propósito e, potencialmente, são capazes de sustentar o projeto ou comunidade no longo prazo, num contexto dinâmico e vivo, em que a dimensão social da qualidade na educação, que é a participação, o engajamento e a colaboração têm papel crucial.

¹ Mestre do Curso de Engenharia Mineral da Universidade de São Paulo, EP-USP, cfgabriela@gmail.com

Palavras-chave: Matriz Axiológica, Inovação Educacional, Qualidade Social da Educação, Seleção sociocrática, Regeneração.

INTRODUÇÃO

As práticas educativas e pedagógicas contextualizadas em novas construções sociais de aprendizagem, como por exemplo as Comunidades de Aprendizagem (PACHECO, 2019), Reggio Emilia (PONZIO e PACHECO, 2019) e os Ginásios Vocacionais (ROVAL, 2005), proporcionam possibilidades de planejamento e ação condizentes com os desafios dos tempos atuais e com a necessidade de flexibilidade, inovação e regeneração, para transformação no sentido freiriano, de impacto social. Partindo do projeto político e pedagógico (ou outro documento similar) como uma unidade de análise para entender as novas construções sociais de aprendizagem, pode-se considerar como dimensões do projeto educativo: a visão de mundo e seu alinhamento com abordagens da ciência da educação e das humanidades, a epistemologia; a organização do trabalho pedagógico, a metodologia; o currículo; a governança, como estrutura organizacional, políticas e forma de tomada de decisão, assim como dimensões da cultura; a gestão, incluindo a dimensão da qualidade; a intersectorialidade; e outras dimensões associadas aos desafios impostos pela realidade concreta e atual, como questões planetárias, regionais ou locais, emergências climáticas, letramento digital, inteligência artificial, sustentabilidade e regeneração, direitos humanos, interseccionalidade, interculturalidade, multiletramento, etc.

Pacheco (2019) enfatiza o compromisso ético como elemento crucial e central no âmbito dos valores e princípios de um projeto inovador e disruptivo. Em entrevista, Pacheco ressalta que:

“A matriz axiológica de um projeto assim contém valores como a solidariedade, pressupõe a manutenção de uma cultura onde a responsabilidade social não é mera palavra de enfeitar o texto de um PP-P. A Ponte permanece como referência, inspiração de muitos outros projetos da dita educação integral.” (SILVA, 2016, p.13).

Trata-se de cultura de equipe e corresponsabilização, em antagonismo à cultura do isolacionismo e solidão. Em diversos textos, reconhecemos a fala de José Pacheco enfatizando que *“Um projeto humano é um projeto coletivo.”* (SILVA, 2016, p.6). Refere-se ao coletivo de pessoas e à inclusão, participação e colaboração efetiva de todos atores que se relacionam com o espaço educativo (e, em especial, que se relacionam com as crianças que ali estão para aprendizagens diversas): famílias, pais e responsáveis, pessoas do território em que o

espaço educativo está inserido, representantes escolhidos para terem voz no que se refere à relação intersetorial, atores de projetos em rede envolvendo a comunidade, etc.

Neste ponto é interessante ressaltar exemplos de escolas inovadoras, no sentido de que conseguiram efetivamente praticar o que estava escrito em seus projetos, guiados por seus valores e adequando-se às suas respectivas realidades. Estas escolas criaram seus projetos coletivamente, fomentaram vivências democráticas, inclusão social, transformação local, mudanças pedagógicas baseadas em ciência, práxis colaborativa em equipe, reorganização escolar e de conteúdos, além de, efetivamente, mudar a relação escola-comunidade, considerando interesses, necessidades e sonhos para dinamizar as práticas cotidianas e a convivialidade, e por fim, de fato, concretizaram uma educação do ser integral, situado. E passaram a ser referência para outras experiências educativas.

Uma grande referência é a “Escola da Ponte”, em Portugal, que se destacou a partir da década de 70 quando o educador José Pacheco e outros educadores gradualmente criaram dispositivos pedagógicos para as aprendizagens necessárias, enfatizando a comunicação e as relações, a centralidade da relação aluno-professor, a interação e integração com a comunidade, a família participando da gestão, e, cujos os valores fundamentais da sua Matriz Axiológica são a liberdade, a responsabilidade, a solidariedade e a autonomia. José Pacheco, evoluiu a experiência da Escola da Ponte para as novas construções sociais de aprendizagem, destacando a Comunidade de Aprendizagem, que utiliza na sua epistemologia a visão de Lauro de Oliveira Lima, que coloca a escola como centro na comunidade, sendo chamada de “Escola de Comunidade” (PACHECO, 2019). Outro exemplo de gênese de novas construções sociais de aprendizagem (PONZIO e PACHECO, 2019) são as escolas reggianas, da região de Reggio Emilia na Itália, que começaram depois da 2ª Guerra Mundial e nos anos 90 ficaram famosas globalmente. Um exemplo, brasileiro, foram os “Ginásios Vocacionais” (ROVAL, 2005), que existiram no estado de São Paulo na década de 60. Estes enfatizavam o engajamento e a participação social, local e global, dos sujeitos históricos concretos, valorizando a igualdade, a inclusão, a “escola de cidadania”, a “escola comunitária” no sentido de centro estimulador de mudança que promove as pessoas e se alinha com um tipo de avaliação emancipatória que permite um aperfeiçoamento contínuo através da educação. Portanto, essas experiências e visão de uma construção de valores coletiva, a partir de sonhos e interesses, necessidades e dores, da comunidade, é algo que vem se estabe-

lecendo desde os anos 60 e 70, sem com isso dizer que estas já não existiam antes, mas ao contrário, a ideia é enfatizar a difusão destas ideias que à décadas estão registradas na literatura.

A partir destas experiências concretas, fica em evidência que a participação, a colaboração e a inclusão, aparecem tanto como valores, como competências e são o que caracteriza a dimensão social da qualidade da educação, em projetos inovadores, no sentido de autonomia e autoria. Em outras palavras, a qualidade da educação na sua dimensão social relaciona-se ao engajamento, participação e colaboração da comunidade no projeto educativo (DEMO, 2004). Relaciona-se às vivências democráticas e alinha os aspectos formais de criação de conhecimento com aspectos éticos (políticos), como diz Pedro Demo: refere-se ao “...desafio de fazer história humana com o objetivo de humanizar a realidade e a convivência social” (DEMO, 2004, p.12). Em linha com a cultura regenerativa e de sistemas vivos, significa gerar vida, saúde integral e ir além da sustentabilidade, compreendendo a interdependência e o intercâmbio, e, entendendo a comunidade de aprendizagem como parte de experiências coletivas complexas, dialógicas, tratando-se, portanto, de um refinamento humano no sentido de engajamento social, construção de conhecimento e viabilidade de futuros possíveis, na regeneração (EAST, 2020).

METODOLOGIA

A seguir apresenta-se uma proposta de design pedagógico para a construção da Matriz Axiológica e da Carta de princípios. Esta proposta é autoral, desenvolvida como parte do trabalho de formação de adultos interessados nas novas construções sociais de aprendizagem e inovação educacional. As experiências educativas compreendem as facilitações de workshops realizados pela autora, como parte do Projeto Colaborativo, incluindo: a) experiência vivenciada durante o processo formativo de novas construções sociais de aprendizagem, que originou a Arca Regional do DF e GO; b) a vivência do workshop de Matriz Axiológica e Carta de Princípios para os Círculos de Estudos do Projeto Colaborativo. Em ambos os casos, os grupos eram pequenos, de até 6 pessoas e as reuniões ocorreram on-line, através de videochamadas.

METODOLOGIA UTILIZADA PARA A CONSTRUÇÃO DA MATRIZ AXIOLÓGICA E CARTA DE PRINCÍPIOS

1. Modelo de reunião baseado na sociocracia - ocorre através de rodadas em que todos participantes têm a sua vez de falar, pedir esclarecimento e expressar seus sentimentos e pensamentos, portanto são inclusivas e sustentam oportunidade para diálogo, colaboração, aprendizagem e cocriação (RAU e KOCH-GONZALEZ, 2019). A facilitação ou mediação foi realizada pela autora deste capítulo.
2. Bases conceituais para a escolha dos valores por parte dos participantes - utiliza-se como base o Dicionário de Valores de José Pacheco (PACHECO, 2012) e o Dicionário Paulo Freire (STRECK *et al.*, 2008), sem a estes, se restringir. A intenção é ter clareza dos conceitos e ter a definição dos termos escolhidos a partir de autores que se alinham com o projeto educativo/pedagógico/político, assim visa garantir que as pessoas entendam o que significa o dado verbete, pois de outra forma, cada pessoa poderia dar um sentido, interpretar e entender de forma diferente, dificultando a co-criação e aplicação dos valores da Matriz Axiológica.
3. Escolha dos valores individuais - esta etapa pode ser realizada no momento do encontro ou pode ser realizada assincronamente. Solicita-se aos participantes que explorem os dicionários recomendados e/ou em livros e artigos. Cada participante deverá contribuir com o valor de sua escolha: nome do valor (verbetes), definição e referência bibliográfica. Os valores poderão ser escritos em tabelas ou podem ser expressos de outra forma, criativamente, conforme as necessidades do trabalho no grupo. Solicita-se que cada pessoa escolha dois ou três valores. As definições tanto podem ser citações diretas como podem ser parafraseadas. O critério de escolha dos valores é que a definição venha epistemologicamente, de encontro ao projeto em questão, e, que tenha o propósito garantir a práxis (integração de teoria, prática e reflexão). Importante ressaltar que as escolhas de valores, nessa etapa inicial, são totalmente exploratórias e livres, objetivando-se a emergência de valores a partir da subjetividade e apostando-se na emergência de valores diversos, não presentes nos discursos conhecidos e convencionais. A tomada de consciência de que determinados verbetes podem

constituir a Matriz Axiológica, pode ser surpreendente, inusitada e até disruptiva para muitas pessoas (por exemplo: saúde, meio ambiente, celebração, beleza). Criar um ambiente de comunicação não violenta, seguro e empático, para expressão de vulnerabilidades e abertura para o diálogo (e não para a disputa, coerção e imposição), é fundamental para garantir a emergência de valores que de fato possam representar a comunidade. Nesta etapa, em especial, não se pode julgar. Pode-se também usar apoio de técnicas de escuta profunda. Deixar a criatividade fluir é essencial. (Trata-se de vivenciar os valores de criatividade, não julgar, empatia, escuta ativa, dialogicidade, etc, durante as etapas da própria construção da Matriz Axiológica e da Carta de Princípios).

4. Escolha de valores para a Matriz Axiológica - Rodadas - utiliza-se o sistema de reunião sociocrática (RAU e KOCH-GONZALEZ, 2019) no qual se usam rodadas com objetivos específicos. A cada rodada, o mediador ou facilitador, orienta o grupo e dá a palavra para as pessoas, garantindo que, um a um, todos tenham seu tempo de fala e sua vez para falar.

Rodadas iniciais - a partir da escolha dos valores individuais, realiza-se uma primeira rodada para que cada pessoa explique os valores escolhidos, segundo as definições que investigou, assim como o porquê de ter escolhido os dados valores.

A seguir, realiza-se uma rodada de perguntas, para que os participantes possam pedir esclarecimento sobre os valores que os demais apresentaram. O mediador dá voz a cada pessoa, uma por vez, para a pergunta e passa a palavra ao “dono” do valor para que possa responder. Assim, sequencialmente, todos têm a oportunidade de fazer perguntas sobre algo que seja necessário esclarecer para compreensão da definição dos valores. Se um participante não tiver dúvidas, basta dizer que não tem dúvidas, e se houver, a pessoa pede explicações. É importante que o facilitador enfatize que esta é uma rodada apenas de esclarecimento e que opiniões serão expressas na rodada seguinte.

Finalizadas as rodadas de esclarecimentos, faz-se uma rodada, em que, um a um, todos emitem suas opiniões ou reações acerca dos valores apresentados pelos demais participantes. Nesta rodada, as ponderações, observações, opiniões, reflexões, etc, devem ser colocadas, por cada pessoa, cada uma na sua

vez. É importante criar uma atmosfera de confiança para que as pessoas possam ser sinceras e fiquem motivadas a contribuir para a construção coletiva.

No geral, é importante que as falas sejam concisas e objetivas, focando no que é importante para o objetivo proposto, que é a escolha de valores que estarão na Matriz e que representarão o coletivo de pessoas, funcionando como um guia ético, orientando as práticas.

Se o grupo tiver tempo, pode-se realizar uma rodada por participante, de modo que, para cada participante que vai explicar seus valores, há uma rodada de perguntas e depois uma rodada de reações. Mas, se o tempo for escasso, pode-se optar por fazer uma única rodada em que cada participante, na sua vez, fala os seus valores, e logo a seguir, realiza-se apenas uma rodada em que cada participante fala sua reação/opinião, sobre os valores escolhidos pelos outros participantes, de modo a contribuir para a reflexão e justificar porque acha que determinados valores seriam mais relevantes, ou o impacto do valor para si mesmo, etc. Não há uma regra sobre a opinião, cada pessoa fala o que emergir, naturalmente. O mediador deve sempre lembrar o objetivo da rodada e da reunião para apoiar a objetividade do processo.

Processo de escolha dos valores para a Matriz Axiológica - após as rodadas iniciais de esclarecimentos e reações, passa-se à escolha dos valores para compor a Matriz Axiológica, que poderá conter entre 3 ou 4 valores, até no máximo 5 ou 6, para que seja viável que sejam colocados em prática.

A escolha se dá a partir dos seguinte critérios:

- a) análise de frequência dos valores que emergiram na escolha individual e destaque dos valores mais frequentes (que aparecem mais vezes);
- b) análise dos valores restantes, visando entender se determinados valores possuem em sua definição a potência de incluir outros valores, ou seja, analisar se alguns valores poderão estar incluídos e explicitados, dentro da explicação de outro valor escolhido, ao se escrever a escrita da Carta de Princípios, de modo a apoiar a explicação de como o valor escolhido poderá ser colocado em prática pelas pessoas do espaço educativo e como poderá orientar projetos e prática;
- c) seleção dos valores que farão parte da Matriz Axiológica - o grupo precisa definir o que é prioritário, selecionar valores que, de fato, traduzem o propósito e as necessidades do projeto educativo coletivo.

Rodadas de seleção dos valores - após o apontamento dos valores mais frequentes, realiza-se uma rodada para que todos possam consentir, individualmente, que estão de acordo de que estes valores são parte da Matriz Axiológica. A seguir, realizam-se rodadas sequenciais para que se possa selecionar os demais valores.

O processo de Seleção é feito da seguinte forma: a partir da tabela gerada na etapa anterior, com os valores ainda não selecionados, as pessoas pensam os valores que desejam; o mediador dá um sinal e todos escrevem ao mesmo tempo o nome do valor escolhido (este é o processo de nomeação); o mediador vê o valor que mais frequente e faz uma rodada de reações para que todos expliquem o porquê de ter escolhido esse valor e também para que todos digam se estão de acordo com esse valor como parte da Matriz. Após a primeira rodada de nomeação e de reações, ocorre nova rodada de nomeação para que as pessoas possam mudar de opinião quanto à nomeação inicial.

Caso haja alguma divergência, o mediador faz rodadas sequenciais para que todos possam ir expondo sua opinião até que possam consentir sobre a inclusão do valor na Matriz ou até que decidam escolher outro valor. Essa etapa é subjetiva e dialógica, e o grupo deverá pensar em critérios/justificativas para as escolhas dos valores.

Nesse processo de rodadas sucessivas, as pessoas podem mudar de ideia a partir da escuta ativa e empática, ao ouvir os demais sobre suas escolhas. O facilitador procura reconhecer nas falas das pessoas os pontos de sinergia, apoiando a comunicação e trazendo clareza para o que está emergindo no grupo. Esta ressignificação de valores e reconciliação de sinergias e objetivos é fundamental para que se possa selecionar valores que representam o coletivo e que cumpram os propósitos do projeto educativo.

É importante que haja uma rodada final de consentimento aos valores escolhidos para a Matriz, em que todos participantes, um a um, afirmam categoricamente e em voz alta, que consentem com os valores escolhidos. Esse consentimento é importante pois todos construíram juntos a Matriz e têm responsabilidade nessa escolha e na sua aplicação na vida real. É o momento de celebrar o trabalho feito e honrar a Matriz que será o guia ético dos trabalhos da vida cotidiana.

5. Carta de Princípios: o texto da Carta poderá ser no estilo definido pela comunidade, podendo ser mais formal ou mais lúdico, com predomi-

nância de texto ou de desenhos, etc. A identidade visual e a criatividade de cada comunidade também é parte da expressão de seus valores e possibilidades. A Carta de Princípios é decorrente dos valores escolhidos para a Matriz Axiológica. Cada parágrafo tem por base o seguinte racional: qual a forma de se colocar em prática os valores escolhidos para a Matriz, no contexto do projeto educativo (ou no contexto para o qual se criou a Matriz)? Sugere-se escrever um parágrafo para cada valor escolhido, explicando como o mesmo pode ser vivenciado na prática, pelos atores da comunidade (ou do contexto em questão). Alguns valores acabam por se apresentar como um agrupamento de valores e, no texto da Carta será possível utilizar um valor que foi sugerido para a Matriz, mas não foi escolhido, e que, no entanto, se encaixa para apoiar a explicação de como um dado valor se concretiza. A Carta de Princípios poderá ser mais formal e um resumo com as palavras-chave e exemplos de prática pode ser criado, como parte de acordos de convivência a serem realizados com a comunidade que precisa se apropriar dos valores e praticá-los.

As limitações de uso da metodologia referem-se ao processo de seleção sociocrático em si, que é realizado em grupos pequenos (círculos), de até 8 pessoas. Isto garante a viabilidade de diálogo e colaboração com eficácia em um período de tempo ótimo. Porém é um problema se o número de pessoas da comunidade for muito grande, sendo necessário considerar a divisão em grupos (círculos), cada qual com seus objetivos e domínios de atuação, para que cada grupo escolha um valor que será incluído na Matriz Axiológica. Outra possibilidade é escolher outro tipo de processo de seleção de valores, factível em grupos grandes. Quanto ao restante da metodologia, poderá ser aplicada em qualquer grupo. Um desafio a se considerar é a heterogeneidade de pessoas que compõem uma comunidade e o nível de entendimento de cada uma quanto aos valores, tanto na teoria, como na prática. Outro desafio é a disponibilidade interna dos participantes para colaborar. Quando há não há foco na reciprocidade, interdependência, propensão a riscos e visão compartilhada. Há também o desafio do facilitador ser capaz de criar ambiente seguro e de confiança, assim como de presença de espírito para orientar o grupo na direção necessária.

No entanto, a proposta é ter em mente que todo processo novo tem a sua curva de aprendizagem e que a postura de liderança pode garantir a ética e efe-

tividade do processo de construção da Matriz e Carta, assim como sistematizar um processo que funcione para o grupo.

Para finalizar essa sessão, destaca-se que o processo de construção da Matriz Axiológica e da Carta de Princípios é inovador frente às práticas pedagógicas e educativas tradicionais (hegemônicas). Ressalta-se que a elaboração conjunta da Matriz Axiológica e da Carta de Princípios, pode ser entendida como uma prática educativa e pedagógica inovadora, pois isso se deve tanto à combinação dos dois dispositivos de modo a tornar coerente e consistente a relação entre ambos, como ao fato de que sua construção e uso propiciam a participação e a inclusão, assim como a reflexão, a análise crítica e a tomada de decisão coletiva. A proposta de vivência concreta dos valores da Matriz e a forma de colocá-los em prática, conforme consta na Carta, torna esses dispositivos ainda mais potentes gerando um ambiente de educação inovadora e transformadora (para além “dos muros da escola”, atingindo as famílias dos alunos e outros atores do território). Ambos dispositivos servem como guias éticos para o cotidiano do projeto educativo, sendo vivos e dinâmicos, devendo ser atualizados sempre que necessário.

Os valores da comunidade podem se manter por um tempo ou pode-se precisar mudar, à medida que emergem possibilidades no campo criativo e de cocriação, mas também na medida das necessidades. É maduro, por parte do grupo/comunidade/núcleo gestor, propôr a revisão da Matriz Axiológica à luz dos valores que precisam ser vivenciados pela comunidade. Este exercício pode propiciar uma experiência de maturação na vivência dos valores no cotidiano, na convivialidade, na geração de projetos, nas relações e processos do dia a dia, o que, por sua vez, poderá alçar a comunidade a outros níveis de maturidade. Se por um lado, este poderia ser o objetivo de existir a Matriz Axiológica e a Carta de Princípios, por outro lado, um novo nível de maturidade poderá demandar uma Matriz condizente, sempre apontando para a evolução e regeneração. Portanto, a combinação de ambos dispositivos, no contexto apresentado neste capítulo, têm por objetivo garantir a práxis inovadora e transformadora.

É importante ressaltar que está subjacente à construção da Matriz Axiológica a prática de participação e inclusão para a transformação, tomando-se por base os princípios que Lauro de Oliveira Lima apresenta no livro *Dinâmica de Grupo* (LIMA, 1970), podendo-se fazer uma conexão com a autogestão (sociocracia), sistema que pratica os processos de Seleção e de consentimento, que foram aplicados na metodologia de construção da Matriz Axiológica, valorizando a

construção coletiva colaborativa e co-criada e o consentimento de cada um dos participantes, gerando corresponsabilização e busca de coerência entre o que é cocriado e a prática. Vale ressaltar que, ao construirmos uma Matriz Axiológica de forma coletiva e utilizando processos colaborativos, como o explicitado na seção acima, deve-se, simultaneamente, contemplar os aspectos de participação e respeito pelo sujeito, que é histórico, concreto e possui cultura e experiências próprias, e que, quando sujeito reflexivo e crítico, conforme Paulo Freire, pode ser agente de transformação (impacto social), para além do contexto funcional, criando agência para atuar no contexto da comunidade.

A seguir são apresentados dois resultados dos exercícios de criação de Matrizes Axiológicas e Cartas de Princípios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

MATRIZ AXIOLÓGICA 1

A primeira Matriz axiológica refere-se a um grupo de educadores que se reuniram e se propuseram a criar uma Arca como parte da formação em Novas Construções Sociais de Aprendizagem, que tinha como objetivos: “Inicialmente, constituir-se como um espaço de diálogo, de aprendizagem, de trocas e partilhas, de apoio e empoderamento, e de construção efetiva da comunidade de aprendizagem DF-GO, através de processos e metodologia das novas construções sociais de educação e aprendizagem, tendo como referência o José Pacheco e autores que ele cita, projetos que já foram realizados e que são nossa referência concreta, assim como orientações diretas dos nossos tutores.”. A partir desse objetivo, foram propostas as perguntas: Quais são os valores fundamentais para a Arca? O que precisa estar visível enquanto valor? Quais seriam os valores que guiarão a nossa convivência na Arca no tempo próximo? A Tabela 1 apresenta os valores escolhidos pelos participantes e as definições.

Tabela 1 - Valores para a Matriz Axiológica

Nome do participante	Valor escolhido	Definição resumida e fonte
A	Colaboração	Colaboração é derivada da comunicação/diálogo para a transformação. (Paulo Freire) É a responsabilidade individual, cada qual fazendo sua parte (a partir do seu papel e/ou expertise), mas também o propósito comum, coletivo, onde a prática entre todos é articulada, com voz e participação de todos, poder distribuído. (Sociocracia)
A	Flexibilidade	Uso a analogia do bambu, que é firme e tem suas raízes, mas é flexível para se adaptar ao vento. (Zen budismo) Em outras palavras, ser fiel aos valores e princípios que regem as novas construções, mas com mente aberta, disposta a inovar e lidar com incertezas, sempre em fase instituinte e entendendo que o “modelo” e o “processo” está pronto e acabado. Também refere-se à ser flexível para honrar o princípio da centralidade das relações e da comunicação, ou seja, o paradigma da comunicação como gênese de novas construções sociais de aprendizagem. (Pacheco, Paulo Freire, Maturana)
A	Autoria	Ser autor, no sentido de elaborar e sair com proposta própria, com texto próprio, etc. Construir e reconstruir conhecimento de forma que a pessoa leva a sua contribuição individualmente. (Pedro Demo, Maturana) Mas também é autoria coletiva, no sentido de engajamento com os processos e relações, para que culmine com essa autoria resultante de processos diversos das novas construções, no contexto da Arca. (Pacheco)
B	Diálogo	Quando dialogamos não seguimos os mesmos. A transformação de quem vivencia o ato dialógico é algo inerente ao processo. (Paulo Freire). Se disponibilizar para a escuta empática e uma fala autêntica se abrindo para encontrar a experiência dos outros. Recebendo apoio quando necessário. Separando a observação de um fato de nossas interpretações e avaliações. Nos responsabilizando por nossos sentimentos e nos disponibilizando a encontrar estratégias criativas para as necessidades (Marshall Rosenberg).
B	Não-Punitivo	Compreendendo que o paradigma dual (ex certo e errado; vítima e agressor) favorece a utilização de estruturas punitivas. Compreendendo que a lógica da recompensa tem em outra face a da punição, e que estas não favorecem o aprendizado e sim o medo e o controle (Alfie Kohn), buscamos caminhos em que visualizamos as dinâmicas para além apenas das relações (Eva Appenzeller).

Nome do participante	Valor escolhido	Definição resumida e fonte
B	Iniciativa	Quem inicia um projeto é a pessoa guardiã daquela iniciativa. Ela tem em si a intenção inicial, a visão. Esta pessoa recebe apoio de quem também quer fazer parte. Quando quem apoia faz algo que não condiz com a intenção inicial, é a pessoa que iniciou quem define o que é feito ou não. Quem apoia pode concordar e ficar ou discordar e iniciar uma nova iniciativa em que é a pessoa guardiã. (Eva Appenzeller)
C	Autonomia	Creio que é um valor fundamental para qualquer relação de grupo. É fundamental entender e respeitar a autonomia de cada indivíduo do grupo.
C	Criatividade	Entendo como um valor importante em cada processo de criação em grupo. Como maker sou tentado a sugerir esse valor em tudo que faço.
C	Curiosidade	Curiosidade é uma alavanca que impulsiona e motiva nosso processo de criação do saber
C	Investigação	É uma consequência natural da curiosidade, pessoas curiosos tendem a buscar respostas através do processo de investigação. Construindo assim conhecimento.
D	Coerência	"Julio Cortázar escreveu que uma ponte só é verdadeiramente uma ponte quando alguém a atravessa. Tão importante como escutar uma palestra ou ler um livro é escutar-se, escutar a si próprio, verificar a coerência entre o ato e a teoria. E saber fundamentar aquilo que se faz, assumindo compromissos. A teoria converte-se em ação quando assumida em situações reais." Dicionário de Valores - José Pacheco
D	Esperança	"Esperança, em seu sentido mais genuíno, significa fé na bondade da natureza humana. Significa confiar, acreditar ser possível ensinar (e aprender!) o diálogo, o reconhecimento da diversidade, a amorosidade, a solidariedade, a alegria, a justiça, a ética, a responsabilidade social, o respeito, a cidadania, a humanização da escola." Dicionário de Valores - José Pacheco

Ao final do processo, os valores escolhidos foram: Colaboração, Flexibilidade, Autoria e Coerência. Para a co-criação da Carta de Princípios, foram colocadas duas perguntas: Como iremos operacionalizar os valores escolhidos para a Arca? O que precisa constar do texto para que reflita a forma de colocar em prática os valores e princípios que regem nossos acordos e práticas? Alguns dos valores propostos (mas não escolhidos) foram sendo incorporados ao texto, na medida em que tinham um papel fundamental na vivência prática. O tom da Carta deveria refletir a "coerência" na vivência de todos valores e refletir a "esperança" de acreditar em algo novo.

Segue o rascunho da Carta que posteriormente seria revisada e resumida pelo grupo.

“A Carta de Princípios da Arca do Distrito Federal e de Goiás decorre de valores que foram escolhidos por um processo de investigação, diálogo e escolha coletiva por consentimento. Desta forma, o processo de construção coletiva apoiou a emergência dos valores e a forma como os mesmos se transformaram em princípios de ação para a Arca. Entendemos que estes valores e princípios orientam nossos relacionamentos e práticas, e possibilitam a inserção de novos participantes ou visitantes no contexto de educação e aprendizagem que desejamos vivenciar como “novas construções sociais de aprendizagem”. Nesse sentido, é uma Matriz Axiológica e uma Carta de Princípios dinâmica e viva, construída baseada em paradigmas que se alinham com a visão sistêmica, integral, regenerativa, transdisciplinar de da complexidade.

Iniciamos a Carta com o princípio de coerência, que no nível do indivíduo, refere-se à escutar a si próprio e agir a partir desta escuta. Assim, a prática da coerência refere-se à busca constante de alinhamento entre o que se sente, o que se fala e o que se faz. Num contexto mais amplo e referente às relações sociais, relacionais, criativas, de cocriação, etc, é necessária a consciência em relação ao outro, ao contexto e ao convívio, reconhecendo-se como integrante do coletivo, com postura colaborativa, alinhando o interior com a prática e vice-versa. A prática deste princípio refere-se a fundamentar e assumir compromissos em situações concretas, tendo em mente a necessidade de fidelidade a acordos e princípios, e atenção para agir de acordo com os princípios que regem a formação deste grupo. Entendemos que a coerência é pervasiva e não perde sua força quando incluída e relacionada com os demais valores, princípios e ações.

O segundo princípio, da autoria, significa construir e reconstruir conhecimentos, desenvolver capacidades de elaboração de proposta própria (argumento, texto, etc) e de cocriação colaborativa. A autoria se refere a criação baseada em experiência de vida, a assumir as responsabilidades individuais e coletivas. Inclui a investigação (pesquisa) e a criatividade (soluções), assim como a curiosidade, que impulsiona e motiva nosso processo de criação do saber, individual e coletivo, gerando a autoria. Entendemos que a autoria culmina em autonomia, que é também compreendida como um processo relacional e social (autonomia não é independência - somos seres interdependentes). Na prática, envolve o engajamento com processos variados e relações com as pessoas, para

a criação e autonomia individual e do grupo, e cocriação dos acordos e construções coletivas autorais.

O terceiro princípio é o da flexibilidade, que pode ser ilustrado pela analogia do bambu, que é firme e tem suas raízes (valores, princípios e coerência), mas é flexível para se adaptar ao vento (Zen budismo). A flexibilidade refere-se, individualmente, a um espaço interno, que permite a reelaboração de cultura, a mente aberta, disposição para inovar e lidar com incertezas. Este princípio refere-se a ser flexível para poder vivenciar os relacionamentos sociais e a comunicação necessária, exercitando o paradigma da comunicação. Se relaciona também com a investigação no sentido da busca pela potência e integralidade, tendo, simultaneamente, a consciência de que tudo é dinâmico na forma e que estará sempre em fase instituinte (por exemplo, os “modelos” e/ou os “processos” não estão prontos e acabados), em evolução.

O quarto princípio é o da colaboração que, segundo Paulo Freire, é derivada da comunicação e/ou do diálogo para a transformação. Se trata da responsabilidade individual, cada qual fazendo sua parte (a partir do seu papel e/ou expertise/especialidade/competência/domínio), desde que dentro de uma articulação mais ampla que visa o propósito comum, coletivo, podendo envolver a autogestão (voz e participação de todos, poder distribuído e decisão por consentimento). Na prática estamos falando de uma colaboração que se baseia em diálogo e quem vivencia o ato dialógico vivencia a transformação inerente ao processo. O exercício do diálogo requer a disponibilidade interna para a escuta empática e para a sua autenticidade de fala, aberta ao encontro com a experiência do outro. Essa autenticidade significa separar a observação dos fatos, da interpretação dos fatos e avaliações ou julgamentos. A colaboração também se refere a receber ajuda e estar disponível para ajudar (apoio) num processo criativo de reconhecimento e responsabilização dos próprios sentimentos, iniciativa e espírito de busca para encontrar estratégias para as necessidades, seja individualmente, seja coletivamente. Compreende observar, para desvencilhar-se de pensamentos e atitudes impositivas. Um elemento relevante para a prática deste princípio é o entendimento de que o paradigma dual, de certo-errado e lógicas de recompensa, favorecem as estruturas punitivas, e não se alinham com designs que visam aprendizagem, o que implica em que a prática colaborativa está conectada à não-punição e uso criativo de outras estratégias para criação de consciência.”

MATRIZ AXIOLÓGICA 2

Esta Matriz Axiológica foi criada como parte de um exercício em um workshop sobre o tema e é interessante para ilustrar a relação entre os valores escolhidos pelos participantes e a percepção dos mesmos de como os valores poderiam ser vivenciados, assim como identificação de palavras-chave que ajudassem a exprimir o extrato do conceito e da prática. Por fim, os valores escolhidos foram autonomia, esperança, responsabilidade e coerência.

Participante	Valores escolhidos	Pontos relevantes da definição	Referência Bibliográfica
A	Desapego	Buscar algo que venha construir uma aprendizagem significativa (sair do que já fazemos normalmente, e ir para o novo para melhorar a aprendizagem, refletir e sair da forma que se faz, analisar e ver o efeito que deveria)	Pacheco
A	Esperança	Acreditar que cada criança ou adolescente tem um potencial que deve ser explorado (nunca se acomodar com o que está sendo feito, melhorar e chegar a algo mais significativo, agregar valor, para a aprendizagem)	Pacheco
B	Autonomia	Experimentar Livrementemente. A maravilhosa Sensação de sermos nós mesmos, a memória no mundo da Educação.... A autonomia exprime-se como produto da relação. Não existe autonomia no isolamento, mas na relação EU-TU. É com os pais e os professores que a criança encontra os limites de um controle que lhe permite progredir numa autonomia, que é liberdade de experiência e de expressão dentro de um sistema de relações e de trocas sociais	Pacheco
B	Coerência	"Valores falsos e Palavras Enganosas: estes são os piores inimigos." "teoria sem prática é viajar no vazio, prática sem teoria é viajar no escuro". (coerência dos pais com os filhos = se o pais fica nas telas e depois pede para o filho sair da tela.... Falar para a criança brincar, sair da tela, é para a rua, não é suficiente; desafio, dilema)	Pacheco

Participante	Valores escolhidos	Pontos relevantes da definição	Referência Bibliográfica
C	Responsabilidade	Observo carros ultrapassando a fila pelo acostamento, mentes “enfileiradas” segundo valores inculcados por práticas sociais nocivas. Vejo alguém furar a fila, no banco, na repartição pública. Se uma escola, no seu PPP, assume, perante as famílias dos seus alunos, que deles farão seres responsáveis (descartar as consequências dos atos, assumir que o que acontece é da nossa responsabilidade; tenho que ser o capitão do meu barco; informação e consequências; auto reflexão e consciência; exemplo/isomorfismo; também no contexto político e institucional e profissional = assumir as consequências)	Pacheco
C	Autonomia	A autonomia exprime-se como produto da relação. Não existe autonomia no isolamento, mas na relação EU-TU, É, essencialmente, com os pais e os professores que a criança encontra os limites de um controle que lhe permite progredir numa autonomia, que é liberdade de experiência e de expressão dentro de um sistema de relações e de trocas sociais.	Pacheco

Preparo para Carta de Princípios

Participante	Valores escolhidos	Explicar como o valor poderá ser colocado em prática, como poderá ser vivenciado e como representa as pessoas que estão na comunidade.	Palavras-chave
A	Desapego	Realizar rodas de conversas dando oportunidade para que cada um possa identificar o que pode mudar no sentido de melhorar o relacionamento interpessoal de modo a proporcionar um ambiente mais harmonioso.	Escuta pessoal
A	Esperança	Dialogar no sentido de sensibilizar cada um envolvido no processo de uma educação que faça com que cada pessoa não perca a esperança de crescer numa relação social produtiva.	Autoestima

Participante	Valores escolhidos	Explicar como o valor poderá ser colocado em prática, como poderá ser vivenciado e como representa as pessoas que estão na comunidade.	Palavras- chave
B	Autonomia	Refletir e dialogar como os pais estão estimulando seus filhos através de experiências e atividades, brincadeiras que permitam aflorar a criatividade e a motivação das crianças por novas descobertas e identificação de aptidões e paixões. Será que estimulam o convívio com outras crianças, com brincadeiras ao ar livre, será que levam para conhecer novos lugares, será que estimulam a arte e a investigação nas brincadeiras individuais?	
B	Coerência	Refletir e dialogar sobre a coerência da rotina dos pais com o que eles querem pedir para seus filhos? Quais são os desafios que estes pais enfrentam quando toda a sua vida profissional, e até social, está dentro do celular? Como buscar um equilíbrio que seja percebido, observado e copiado pelos filhos?	
C	Responsabilidade	Palestras comunitárias de responsabilização - órgãos superiores, comunidade, escola, família - Um bebê não usa o telemóvel sozinho, alguém lho passa para a mão. Diálogos. Círculos de conversa.	Reflexão
C	Autonomia	Projetos; Educar para o uso de ecrãs. Ecrãs são ferramentas.	Tomadas de decisão

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O design que envolve as relações e a comunicação, é o design das novas construções sociais de aprendizagem, incluindo, a facilitação e o domínio dos processos de construção de dispositivos como por exemplo, o processo de seleção sociocrático. Foca em abordagens integrais, processuais e relacionais, para gerar vida e saúde em todas as esferas da vida. Em suma, a Matriz e a Carta se construídas no paradigma regenerativo, levam à construção de design que faz a comunidade evoluir, consciente das dinâmicas criativas da vida e dos limites dos ciclos naturais que sustentam a vida, enfatizando ações que tragam diversidade, harmonia e beleza. Portanto, conforme salienta Paulo Freire, nos afastando da educação bancária e nos colocando uma uma visão de educação verdadeiramente transformadora (emancipadora e libertadora), a metodologia proposta

para a criação da Matriz Axiológica e Carta de Princípios, está em linha com o paradigma regenerativo, em que se opta por princípios e processos de autogestão (Rau e Koch-Gonzalez, 2019), e que no âmbito da criação de conhecimentos, se propõem a autoria e autonomia (Demo, 2004) e, para tal, se “... reconhece, estimula, desenvolve e empodera a potência das inteligências e sabedorias individuais e coletivas” (Vivacqua, 2022).

Como se produz uma Matriz Axiológica e uma Carta de Princípios coerentes e consistentes entre si, e que representam a comunidade que a produz, para atender seus desejos criativos, potenciais e necessidades?

Projetos ou ações coletivas guiados por um conjunto de valores, concretizam os valores das pessoas que os co-criaram. Design que visa gerar vida e saúde integral, implica em novas abordagens e mentalidade, assim como métodos e competências, orientados por valores.

A Matriz Axiológica e a Carta de Princípios são os dispositivos que materializam os valores para servir de guia para sua aplicação prática. Esses dispositivos são vivos, dinâmicos, devendo ser atualizados sempre que necessário, pois são melhorados a partir da experiência na vida real e representarão os ciclos de amadurecimento das pessoas e da comunidade. Fazem sentido se são co-criados através de práticas (processos) condizentes com a participação, a inclusão e a colaboração, permitindo que o resultado final, de fato, traduza os valores da comunidade. Para se entender a criação e o uso destes dispositivos, é importante compreender que as práticas educativas e pedagógicas contextualizadas em novas construções sociais de aprendizagem, proporcionam possibilidades de planejamento e ação condizentes com os desafios dos tempos atuais em que lidamos com emergências climáticas, com as implicações da potência transformadora da Inteligência Artificial e com a necessidade de flexibilidade, adaptação, inovação e regeneração. E é a partir dessa realidade concreta, tanto local, como planetária, que emergem as necessidades ou sonhos e o alinhamento destes com valores.

A proposta de design pedagógico para a construção de Matriz e da Carta e sua aplicação nos processos educativos de adultos, geraram as reflexões necessárias para o seu propósito. Se aplicados continuamente, potencialmente, podem sustentar o projeto (ou comunidade) no longo prazo, num contexto dinâmico e vivo, em que a dimensão social da qualidade na educação, que é a participação, o engajamento e a colaboração têm papel crucial. Contribui para a aprendizagem contínua e avanços de maturidade em diversas dimensões do

projeto educativo, destacando-se especialmente o nível interpessoal e individual, devido ao seu caráter reflexivo e autoral, típico de contextos de autonomia, que são construídos com base em autoconhecimento, visão compartilhada e constante reelaboração de cultura.

O racional que permite a conexão e a coerência entre os dispositivos Matriz Axiológica e Carta de Princípios é a lógica de que os valores escolhidos para a matriz serão traduzidos em princípios que orientam a prática, contextualizados na práxis. Em outras palavras, os princípios decorrem dos valores, tendo sido pensados para a Carta a partir da realidade da comunidade, da sua convivialidade, do seu cotidiano, dos seus processos, propiciando a vivência dos valores e princípios ao longo do tempo. Considera-se várias dimensões do projeto educativo, pedagógico e político para se pensar na conexão entre os valores e a forma de colocá-los em prática para cada uma dessas dimensões. Os dispositivos atuam como guia ético para garantir o alinhamento de iniciativas (projetos e ações) da comunidade com os valores. Com o tempo, valores diferentes dos escolhidos nas primeiras versões podem emergir e/ou se mostrar necessários para a vivência na rotina, visando gerar aprendizagens ou garantir propósitos.

A metodologia de construção Matriz Axiológica e Carta de Princípios, baseada no processo de seleção sociocrático, destaca a participação, e potencializa a colaboração e a inclusão, como valores e como competências, salientando a qualidade da educação na sua dimensão social. Nesse sentido, a vivência da construção dos dispositivos foi fundamental para o exercício da qualidade social, como competência humana e humanizadora, democrática e participativa, inclusiva. Como prática regenerativa, proporcionou o “aprender a aprender”, o “saber pensar” e a “ação formativa”.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. Educação e Qualidade. 9a ed. Campinas, Papirus Editora, 2004.

EAST, M. Pedagogia da Cooperação e Cultura Regenerativa: Caduceu do Século XXI!? Prefácio. In: Pedagogia da Cooperação. Rio de Janeiro, Editora Bambual, 2020.

LIMA, L. de O. Dinâmica de Grupo. 2a Edição. Petrópolis, Editora Vozes, 1970.

PACHECO, J. Dicionário de Valores. 1ª Edição. Editora SM, 2012. Disponível em: <https://porvir.org/wp-content/uploads/2013/10/Dicionario_de_Valores.pdf>. Acesso em: 30 set, 2024.

PACHECO, J. Inovação Educacional. Editora Mahatma, 2019.

PONZIO, E. *et al.* Reggio Emilia e Ponte. A Gênese de Novas Construções Sociais de Aprendizagem. São Paulo, Edições Mahatma, 2019.

RAU, T.J. *et al.* Muitas Vozes Uma Canção - Autogestão por meio da sociocracia. Curitiba, Ed. Vão, 2019.

ROVAL, E. (org.) Ensino Vocacional: Uma Pedagogia Atual. São Paulo, Cortez Editora, 2005.

SILVA, A. B. da. A Educação como projeto de corresponsabilização: práticas, saberes e mudança social no Século XX. Entrevista com José Pacheco. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba, v. 6, n. 2, 2016. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revis-taeletronica/index.php/cimeac/article/view/1920/1958>. Acesso em: 01 set, 2024.

STRECK, D.R. *et al.* (Orgs.) Dicionário. Paulo Freire. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Disponível em: <https://territoriosinsurgentes.com/wp-content/uploads/2021/03/Danilo_R._Streck_Dicionario_Paulo_Freirez-lib.org_.epub_.pdf>. Acesso em: 30 set, 2024.

VIVACQUA, F. Competência em Design Regenerativo. In: ANASTÁCIO, M. R. *et al.* (Org.). **Inteligência Genuinamente Humana**. Competências globais para a vida e o trabalho agora e no futuro. São Paulo: Editora Nelpa, 2022. p. [185-197].